

Conhecimento Acessível: Uma Proposta de Formação Para Auxiliar a Pesquisa Sobre Acessibilidade e Educomunicação¹

Alan RIOS²

Janete CARDOSO³

Joadir FORESTI⁴

Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF

RESUMO

Pesquisadores da Universidade Católica de Brasília se propuseram a elaborar estudos sobre as diversas formas de acessibilidade e educomunicação. O objetivo da pesquisa foi aprofundar os conceitos de acessibilidade e trazer resultados que favorecessem mudanças concretas, aos sujeitos, quanto à acessibilidade, por meio dos conceitos e metodologias que a educomunicação dispõe. A partir disso, uma das atividades do projeto foi a realização de um programa de minicursos durante o ano de 2016. Todos os temas dos minicursos propunham exercícios para ajudar estudantes universitários a se apropriarem de ferramentas para o exercício da cidadania e da pesquisa. Portanto, o objetivo deste estudo é descrever como foi o impacto dos temas abordados nos minicursos, no sentido de contribuir com o conhecimento científico dos participantes.

PALAVRAS-CHAVE: educomunicação; acessibilidade; cidadania; comunicação.

1. Introdução

Os estudos do novo campo teórico da educomunicação beneficiaram uma quantidade vasta de instituições que, buscando aprofundar o tema, perceberam as diversas possibilidades de aplicações práticas em seus contextos educacionais. Um dos cenários propícios para o uso das pesquisas educacionais é o da universidade, pois possui a característica extensionista que permite atividades que integrem de maneira ampla as necessidades dos alunos com as ações propostas. Assim, o projeto de pesquisa Acessibilidade e Educomunicação, da Universidade Católica de Brasília (UCB), com apoio da Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAPDF), partindo de seminários internos, reuniões e estudos bibliográficos, levantou temas necessários para

¹ Trabalho apresentado na DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 15 a 17 de junho de 2018.

² Graduando do curso de Comunicação Social - Jornalismo, e-mail: alanriosr@gmail.com

³ Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, email: janetecardoso.santos@gmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Doutor em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e professor titular da Universidade Católica de Brasília, e-mail: joadir.foresti@gmail.com

contribuir na formação de indivíduos – como cidadãos e como profissionais –, especialmente no aumento da bagagem teórica. Criou-se, assim, o curso Conhecimento Acessível, que tem um expressivo valor como objeto de estudo, por fornecer análises teóricas e práticas de ações educacionais (BERGOMÁS, 2014), permitindo à Universidade apropriar-se de atividades de ensino, pesquisa e extensão.

O curso Conhecimento Acessível (FORESTI, 2016) promoveu, de maio a outubro de 2016, 11 módulos com duração de um turno (4 horas) cada minicurso. As atividades foram planejadas e desenvolvidas por nove (9) professores e sete (7) estudantes de Iniciação científica. Toda a infraestrutura foi cedida pela Universidade Católica de Brasília e foi utilizada a plataforma Doity (FORESTI, 2016) para gerenciamento das inscrições e certificações. Ao final dos minicursos foi aplicada uma avaliação para coletar a impressão dos participantes.

Os estudos dos temas da acessibilidade e da educação possibilitaram ao grupo de pesquisadores e de iniciação científica, entre outros pontos, o aprofundamento de conceitos. A partir das atividades iniciais do conjunto de professores e alunos envolvidos com o projeto de pesquisa, percebeu-se que o termo “acessível” é polissêmico e se aplica a muitos fatores que se somam aos sentidos comuns, especialmente aqueles que se lembram de rampas para deficientes físicos, por exemplo. Estudar a acessibilidade permitiu ao grupo associar os objetivos teóricos do projeto a exercícios práticos de identificação de espaços de acessibilidade.

Os estudos, portanto, partem da remota Declaração de Salamanca, oriunda da Conferência Mundial sobre Necessidades Educacionais Especiais: Acesso e Qualidade (Delegados da Conferência Mundial de Educação Especial, 1994), realizada em 1994 na Espanha, que se estabeleceu como um marco histórico para o tema da inclusão e acessibilidade. Com base na compreensão de que tornar algo acessível significa algo “a que se pode chegar” (Priberam Dicionário, 2016), os integrantes do projeto compreenderam que a acessibilidade é algo alcançável, não somente por pessoas com deficiências físicas, mas por qualquer indivíduo que deseje chegar a uma outra posição. Por esse ponto de vista, o grupo refletiu sobre a forma como poderia contribuir com a acessibilidade, primando por um conjunto de técnicas e conteúdos necessários a estudantes que se viam limitados por algum tipo de barreira.

Os estudos sobre a educação, por sua vez, vieram especialmente de Ismar de Oliveira Soares e de Guillermo Orozco Gómez (OROZCO GÓMEZ, 2014), segundo

os quais, a educomunicação é um paradigma orientador de práticas que tem como objetivo o fortalecimento do protagonismo dos sujeitos sociais, mediante a gestão compartilhada e solidária das tecnologias da informação, num exercício prático do direito universal à expressão. Surge na América Latina, a partir dos anos de 1960, por meio da comunicação alternativa e da educação popular. Educomunicação está além de utilização de técnicas. Ela busca relações intersubjetivas e jogos comunicativos, princípios de reciprocidade, de retroalimentação. A técnica, nesse caso, amplifica os significados construídos (SORAES, 2014).

A partir desse contexto, o artigo se propõe a: 1. Descrever a motivação para realizar um curso de Conhecimento acessível a partir do projeto de pesquisa Acessibilidade, Cidadania e Cultura Midiática: desafios e possibilidades para a educomunicação; 2. Descrever os temas desenvolvidos em cada um dos minicursos propostos no Curso Conhecimento Acessível; 3. Verificar a primeira impressão registrada pelos participantes em seus relatos avaliativos ao final dos minicursos.

2. Metodologia

O design deste estudo é de natureza básica ao produzir conhecimento a partir de uma experiência prática e estudos teóricos. Pois, “tradicionalmente el conocimiento estaba disponible para muy pocos en cambio actualmente hay múltiples formas de acceder, casi ilimitadas, hay abundantes respuestas, para casi todas las preguntas.” (BERGOMÁS, 2014, p. 47) O método científico utilizado é o fenomenológico ao apresentar um movimento formativo prático como base para aprofundamento sobre acessibilidade e educomunicação. Por isso, o objetivo do estudo transita entre o exploratório e descritivo, mesmo não tendo como principal preocupação a sistematização dos dados coletados, mas, sim, de propor uma familiaridade com o tema. Para tanto se realiza uma descrição bibliográfica das principais linhas teóricas norteadoras e pesquisa documental sobre os resultados do objeto de estudo, o Curso Conhecimento Acessível. Embora as fontes consultadas sugiram uma abordagem qualitativa, também assinalaremos alguns elementos quantitativos.

Para a escolha do objeto de trabalho e estudo, traçou-se um panorama de temas que viriam a interessar os estudantes em oficinas que envolvessem conhecimentos científicos, tais como conhecimentos sobre a plataforma do currículo Lattes

(MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO, n.d.), experiências relacionadas às pessoas com deficiências físicas e intelectuais, por meio do ensino da audiodescrição, e conhecimentos educacionais, concretizado pelo curso “Educomunicação: comunicação na roda da vida”. Esses três grandes temas possibilitaram a formação de onze módulos de assuntos específicos: currículo Lattes; Roteiro Audiovisual; Fichamento e resenha; Microsoft Office Word; Vídeo e Narrativas; ABNT (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, n.d.) sem trauma; Publicar em revistas científicas; Pessoas especiais; e Direitos do autista. Por motivos de transferência de uma pesquisadora do grupo, os minicursos “Publicar em revistas” e “Pessoas Especiais” não foi realizado.

Com a junção de cada um dos módulos citados, formou-se então o Curso Conhecimento Acessível, sediado na Universidade Católica de Brasília e com abertura ao público externo da instituição, reforçando o caráter da extensão universitária, elementos significativos para a pesquisa. O curso, aplicado pelos pesquisadores do grupo e convidados, foi divulgado primeiramente por meios digitais, com a elaboração de uma página no Facebook (PROJETO DE PESQUISA ACESSIBILIDADE E EDUCOMUNICAÇÃO, 2016A), a criação de convite para eventos na mesma rede social para cada uma das oficinas, confecção de artes que dialogassem com o tema e site de inscrição e certificação (FORESTI, 2016). Os produtos visuais de informação também foram utilizados na confecção de cartazes fixados no campus e difundidos em matérias digitais no site da Universidade.

Para sustentar a ideia do curso, foram fixados objetivos a serem alcançados, tais como: desenvolver e implantar produtos educacionais voltados para o nicho estudantil, como base nos estudos da educomunicação; promover a reflexão e a sistematização do conhecimento a partir das experiências constituídas; instigar estudantes ao enfrentamento da discriminação e o preconceito, criando produtos e mensagens que favoreçam a redução da desinformação sobre pessoas com deficiência; e oferecer à comunidade acadêmica, e em geral, elementos teóricos e práticos para o exercício da cidadania e do conhecimento em prol de uma sociedade menos preconceituosa e envolvida com tecnologias mais acessíveis.

3.1 Descrição dos módulos do Curso

Com minicursos, oficinas e treinamentos, o Curso Conhecimento Acessível foi organizado para ser ministrado no turno da manhã de sábados, por ser um dia da semana com menos compromisso acadêmicos. O curso se iniciou no dia 28 de maio de 2016 com a oficina “Lattes – Deixe seu currículo turbinado”. Pensando nos estudantes, pesquisadores e demais que utilizam dessa plataforma, o minicurso que elucidou cada uma das principais ferramentas dessa plataforma virtual criada e mantida pelo CNPq (MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO, n.d.). O curso teve continuação com a oficina “Roteiro Audiovisual – Crie roteiro simples para suas histórias”. Para instruir ao público participante as melhores formas de produzir essa parte essencial da construção audiovisual, o roteiro, a oficina aliou teoria e prática com didáticas educacionais e deu liberdade ao público para criar histórias que faziam parte de suas realidades.

A partir da necessidade que os alunos enfrentam constantemente, o minicurso “Fichamento e resenhas – Comece bem seu trabalho científico” pôde levar aos participantes, de maneira aprofundada, esses conteúdos requisitados em grande parte do período acadêmico. Ainda no mês de junho, o minicurso “Microsoft Office Word – Domine o editor de texto e do TCC”, mostrou como editar textos de forma prática, explorar recursos, criar sumários, listas e tabelas, trabalhar com estilos, rodapés e fazer marcas de revisão. A oficina proporcionou conhecimento especializado no editor Word, levando esse conteúdo a pessoas que necessitam dele para atividades cotidianas acadêmicas e para a produção do Trabalho de Conclusão de Curso, necessário para todas as cursos de graduação.

O módulo sobre vídeo foi aplicado em 25 de junho, com o tema “Vídeo e Narrativas - novas didáticas e a inclusão em sala de aula”, e procurou romper o formato tradicional de sala e de buscar novas formas de transformar o conhecimento em aprendizado. O minicurso mostrou formas de trazer o conteúdo por meio do uso do corpo, da música, da imagem, do vídeo, do desenho e de diversos outros recursos, com enfoque na produção de vídeos em stop-motion para o desenvolvimento de narrativas. Foi desenvolvido ainda, pelos participantes, um vídeo de curta metragem para o ensino e desenvolvimento de narrativas.

Para orientar quanto à elaboração de referências e citações bibliográficas, assim como noções gerais sobre a formatação de diferentes trabalhos acadêmicos, a oficina “ABNT sem trauma: Compreenda a lógica”, abrangeu as normas NBR 6023, NBR

14274 e a NBR 10520 (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, n.d.). Com didática simples, o minicurso abordou esse tema essencial para produções acadêmicas.

O tema das deficiências intelectuais também foi colocado em pauta com o minicurso “Direitos do autista - Aumente seu entendimento sobre o assunto”. Como os direitos do indivíduo autista se transformaram a partir da inclusão do transtorno na classificação de “deficiência”, a oficina se encarregou de apresentar esses direitos de forma clara e ilustrativa, a partir de uma cartilha criada pelo grupo para um entendimento que, até os dias atuais, não é amplamente alcançado na sociedade.

Outro norte da pesquisa, além da acessibilidade, foi elucidado no minicurso “Educomunicação: Comunicação na roda da vida - Conceitos e Técnicas”, que tratou de esclarecer sobre o vasto campo de estudos com aplicações teóricas. O módulo possibilitou ampliar a rede de pesquisadores da área educacional, com a presença de um público de diferentes idades e realidades que trocaram experiências favoráveis ao desenvolvimento da educação.

3.2 As avaliações dos módulos e resultados

Durante os primeiros meses de execução do projeto Acessibilidade e Educomunicação, os integrantes se apropriaram das temáticas e perceberam a necessidade de adquirir o conhecimento de alguma forma. O desafio se concretizou na elaboração de onze oficinas ou minicursos sob a temática do conhecimento acessível. O cronograma estabelecido foi de maio a novembro de 2016. No decorrer dos dois semestres, uma professora passou de pesquisadora interna para externa. Isso impactou na execução de dois minicursos previstos para o segundo semestre e um terceiro foi cancelado por questão de colisão de datas com outros compromissos da universidade. No total, dos onze minicursos propostos, foram executados nove.

As atividades do Curso foram todas gerenciadas pelos próprios integrantes do projeto e no andar dos minicursos, mas exatamente na preparação do terceiro, foi detectada a necessidade de aplicação de uma avaliação. O roteiro de avaliação foi elaborado pelo grupo e procurou coletar impressões objetivas e subjetivas. Com isso, ao final do curso, dos nove minicursos executados, foram avaliados cinco e, na coleta final dos dados, foram computados quatro questionários com respostas objetivas e quatro com respostas subjetivas, como pode ser visto Gráfico 1.

A divulgação dos minicursos foi realizada por meio de mailling para todos os professores que têm projetos de pesquisa na Universidade, por meio de uma página no Facebook (PROJETO DE PESQUISA ACESSIBILIDADE E EDUCOMUNICAÇÃO, 2016), pela divulgação entre os integrantes do projeto em sala de aula e em suas redes sociais e ainda por meio de releases enviados para sites de interesse e da própria universidade. Ao coletar os dados, percebeu-se que todos os meios resultaram em efeitos positivos quanto a atração para participar do Curso.

A divulgação e o incentivo entre os pares/colegas se mostra mais eficiente para este tipo de atividade. As avaliações retornaram 30% de incidências ao ser questionado o meio que o motivou a participar. Em segundo lugar, com a média de 21%, está o convite feito pelos próprios professores, juntamente com os recursos da web – Facebook e Site da Universidade. Pelo levantamento coletado nas avaliações não é possível descrever que um seja mais eficiente que o outro, mas, sim, afirmar os que produzem o efeito mais direto na decisão de participar das oficinas, ou seja, a ação presencial é a que mais contribui para a decisão. No total dos 64 respondentes, 33, ou seja, 52% optou pelo curso por ter sido convidado por colegas ou professores.

Um dos dados a ser considerado é de que os participantes puderam estar presentes em mais do que uma oficina, por isso os números totais não representam as quantidades de envolvidos, mas de inscrições em oficinas. O resultado, portanto, foi de 461 inscrições, 359 confirmações, 102 pendências (FORESTI, 2016), 64 participações e 29 participações em mais o que um minicurso. Neste sentido, é possível reparar que, das 64 participações, há uma reincidência de 29 participações em mais do que uma oficina, ou seja 45% dos participantes eram repetentes. O que leva a entender de que não estamos trabalhando com números absolutos, mas com participações.

3.2 Elementos avaliados e resultados

As fichas de avaliação carregavam os itens pré-definidos para que o avaliador optasse por uma nota de 1 a 5, considerando 5 a que melhor representasse o seu parecer (Gráfico 2). Os itens eram: 1 - Desenvolvimento do tema, 2. Conteúdo, 3. Práticas, 4. Recursos, 5. Dia e Hora. Ao optar por uma das notas, o avaliador manifestava seu parecer de forma objetiva sobre o desenvolvimento dos minicursos, sobre a consistência do conteúdo, sobre os exercícios práticos que permitiriam a fixação do conteúdo, sobre os recursos técnico-didáticos adotados e ainda, se o dia da semana e o horário – no caso,

sempre aos sábados das 8:30 às 12:30 – eram os melhores. Esses itens foram avaliados por quatro grupos de oficinas. Para a maioria dos participantes, o conteúdo e os recursos utilizados foram os melhor avaliados, como a média de 4,73 e 4,74, respectivamente, as práticas adotadas, por sua vez, ficaram com a pior avaliação, 4,45 (Gráfico 2).

Ao juntarmos todos os itens anteriores e fazermos uma média sobre cada um dos módulos avaliados, obtemos uma nota também sobre 5, que representa um comparativo sobre o nível de aceitação e de valorização do minicurso (Gráfico 3). Para os participantes do minicurso Fichamento e Resenhas, a nota geral foi 4,64; para os participantes do minicurso MS Word, a nota foi 4,55; para os integrantes dos minicursos Vídeo e Narrativas Stop Motion, a nota foi 4,80; e para os participantes do módulo ABNT, a nota foi 4,58.

3.3 Manifestações subjetivas sobre os módulos

Sobre as avaliações dos módulos. Dos nove módulos realizados, cinco tiveram aplicação de questionários avaliativos ao final do módulo. Dos cinco que avaliaram, quatro deles com avaliações objetivas com espaço para observações descritivas. No último módulo sobre educomunicação, a avaliação foi realizada de forma descritiva, pois o processo avaliativo (PRATS, 2014) faz parte dos conceitos estruturantes da prática educacional. Além de escrever, a partir de questões abertas, os participantes puderam ler e comentar suas respostas. As questões versaram sobre o que houve de aprendizagem, sobre o conteúdo, a metodologia, sugestões de mudanças e sobre os dinamizadores.

Importante destacar que avaliação fazia parte do próprio desenvolvimento da oficina que tratou dos conceitos da educomunicação, um dos temas estruturantes do projeto de pesquisa em questão.

De acordo com os participantes da oficina um dos aprendizados foi a importância de conhecer-se e reconhecer as características pessoais, o que para os participantes isso é condição primordial para o diálogo. O destaque também foi para as aprendizagens de novos formatos para as aulas e novas formas de aprender, por exemplo, o conteúdo ter sido desenvolvido de forma dialógica e todos os participantes sentados em círculo, onde a comunicação se estabelece de forma mais democrática e circular. Ainda houve destaque para os novos conceitos que envolve a educomunicação

tais como a importância da participação e a própria história da educomunicação, como uma área da comunicação.

Quanto ao conteúdo, desenvolvido no módulo, os participantes novamente destacaram a questão do conhecimento de si, o aprofundamento de conceitos teóricos e que a representatividade é uma questão política. Foram destacados elementos relacionados ao processo e representação da fotografia, pois um dos itens trabalhados no módulo foi o exercício de fazer uma fotografia. Ainda sobre o conteúdo, foi destacado a nível do debate, pois surgiram questões polêmicas e mesmo assim, foi possível conversar e discutir pontos de vistas divergentes. Neste sentido o destaque novamente para a metodologia do diálogo que de certa forma proporciona a construção de novas aprendizagens mesmo que com ideias divergentes.

Em relação a metodologia, que foi dialógica, o grupo destaca que o aprendizado aconteceu de forma lúdica, com objetividade e flexibilidade ao mesmo tempo. Sentiram-se próximos dos professores (dinamizadores) e que foi possível aprender o que foi proposto.

O grupo apontou sugestões para a organização dos convites para os módulos e que o local do encontro foi mudado no dia da realização do evento. Portanto, as questões de divulgação poderiam ser mais precisas, segundo a avaliação do grupo e também consideram que o tempo de quatro horas foi pouco para o desenvolvimento do conteúdo, pois o assunto foi interessante e o grupo se envolveu em todo o desenvolvimento da oficina.

Em relação aos dinamizadores consideram pessoas competentes e que ofereceram técnicas facilitadoras para o debate. Destacam que a universidade carece de espaços como estes para debater diversos assuntos.

Além destas avaliações descritivas, nos quatro módulos que tiveram questões objetivas, havia um espaço para cada participante colocar observações. Entre as observações colocadas foi possível destacar que algumas explicações e demonstrações foram feitas de forma muito rápida, que deveria haver mais espaço para aprofundar os conteúdos e ter mais práticas em laboratórios, sobretudo, para alguns temas mais práticos, como o caso da oficina de Word. Destaque também para a forma de aprender com diversão, ou seja, de forma lúdica, onde os professores eram empolgados e divertidos. Os conteúdos desenvolvidos sanaram muitas dúvidas e que ajudaram no desenvolvimento dos trabalhos acadêmicos. Sugerem que os minicursos sejam ofertados

a cada semestre em dias e horários diferentes, pois todos os módulos foram desenvolvidos aos sábados.

4. Conclusões

A proposta de realizar um curso com o tema Conhecimento Acessível, atingiu um dos objetivos da pesquisa que era problematizar o tema acessibilidade e verificar o quanto ela impacta nas relações dentro da universidade. Perceber a polisemia do termo acessibilidade e as questões práticas dela no dia a dia da universidade foi importante para corroborar com outro tema central da pesquisa: educomunicação. A educomunicação preconiza a importância de condições sociais e de conhecimentos para que os sujeitos possam estabelecer novas relações e que novos ecossistemas comunicativos (PRATS, 2014) sejam implementados.

Quanto aos temas propostos, fica evidente que há grande necessidade de fortalecer o diálogo entre os pares. As questões técnicas se mostram elementos essenciais na acessibilidade, pois contribuem para a realização dos trabalhos científicos e possibilitam aos estudantes melhor preparação para os diferentes espaços de aprendizagem.

Outra dimensão importante foi, por exemplo, o fato de os participantes perceberem a necessidade de comunicação interna e externa, como a de publicar e registrar as suas trajetórias na plataforma do Currículo Lattes (MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO, n.d.), o que fortalece o perfil do estudante e coloca-o em conexão com outros espaços e pessoas.

O resultado da avaliação sobre novos formatos de aprendizagem foi bastante destacado, o que leva a inferir e pensar sobre as relações democráticas e dialógicas nas salas de aulas e nos demais espaços de convivência e aprendizagem. Os dados coletados contribuíram também para indicar a necessidade de aprender, fazendo contemplar a acessibilidade e a conquista de novos espaços comunicacionais, pois o sujeito se manifesta como um todo e não apenas pelo seu intelecto.

5. Bibliografia

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. (s.d.). ABNT - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. Acesso em 2017, disponível em ABNT: <http://www.abnt.org.br/>

BERGOMÁS, G. A. (2014). Nuevas realciones com el conocimiento. Em A. S. SARTORI, Educomunicação e a criação de ecossistemas comunicativos: diálogos sem fronteiras (pp. 47-56). Florianópolis, SC, Brasil: DIOESC.

Delegados da Conferência Mundial de Educação Especial. (1994). DECLARAÇÃO DE SALAMANCA Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. Fonte: DECLARAÇÃO DE SALAMANCA Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>

FORESTI, J. A. (1 de abril de 2016). Conhecimento Acessível. (J. A. FORESTI, Produtor) Acesso em 2017, disponível em Doity plataforma online: <https://doity.com.br/conhecimento-acessivel>

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO. (s.d.). PLATAFORMA LATTES. (CNPQ - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) Acesso em 2017, disponível em LATTES CNPQ: PLATAFORMA LATTES

OROZCO GÓMEZ, G. (2014). Educomunicação: recepção midiática, aprendizagem e cidadania. São Paulo, BRASIL: Paulinas.

PRATS, J. F. (2014). Educomunicação e cultura participativa. Em R. APARICI, Educomunicação: para além do 2.0 (L. M. Reis, Trad., pp. 263-277). São Paulo, SP, Brasil: Paulinas.

Priberam Dicionário . (2016). Acesso em 2017, disponível em Dicionário Priberam da Língua Portuguesa: <https://www.priberam.pt/dlpo/>

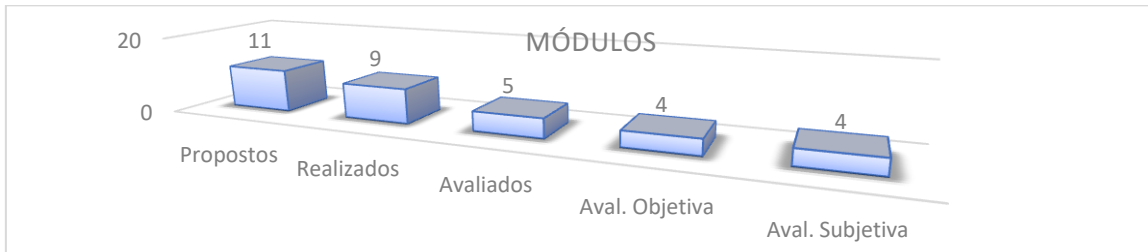
PROJETO DE PESQUISA ACESSIBILIDADE E EDUCOMUNICAÇÃO. (2016). Facebook. Acesso em 2017, disponível em ACESSIBILIDADE E EDUCOMUNICAÇÃO: <https://www.facebook.com/acessibilidadeeeducucomunicacao/>

PROJETO DE PESQUISA ACESSIBILIDADE E EDUCOMUNICAÇÃO. (2016A). Acessibilidade e Educomunicação. Acesso em 2017, disponível em Facebook: https://www.facebook.com/pg/acessibilidadeeeducucomunicacao/events/?ref=page_internal

SORAES, I. O. (2014). Educomunicação e Educação Midiática: vertentes históricas de aproximação entre comunicação e educação. REVISTA COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO, 19(2). Acesso em 2016, disponível em http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/72037/pdf_27

4. Gráficos e Tabelas

Gráfico 1: Módulos do Curso Conhecimento Acessível e totais de avaliações



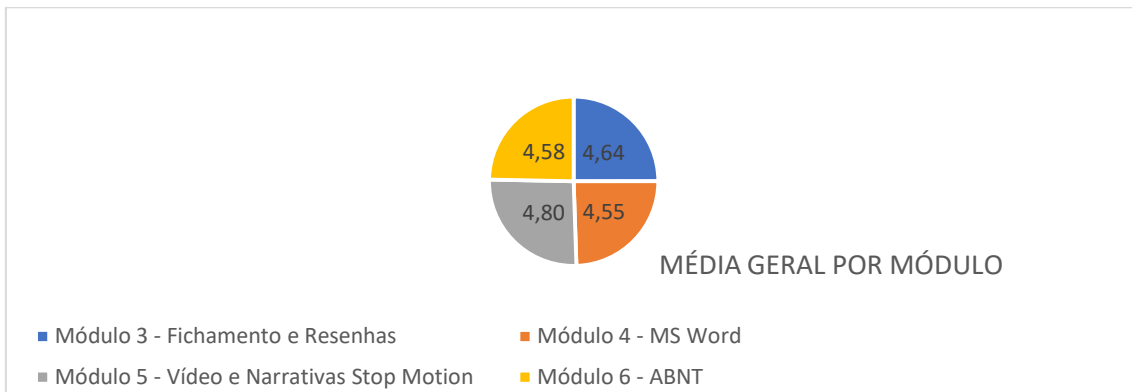
Fonte: Autor

Gráfico 2: Média sobre os itens avaliados (de 1 a 5)



Fonte: Autor

Gráfico 3: Notas médias dadas pelos participantes para cada um do módulos avaliados.



Fonte: Autor